

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 8



PORTO ALEGRE
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
fjetorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS
mgbordini@portoweb.com.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

[lusitanistasail@terra.com.br](mailto:ailusit@ci.uc.pt); ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

EDITORIAL	09
LUIZ FAGUNDES DUARTE	
Tempo de perguntar	11
TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA	
ALMUTH GRESILLON	
La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières	31
GIUSEPPE TAVANI	
O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”	46
VANDA ANASTÁCIO	
Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna	75
JOÃO DIONÍSIO	
<i>Criticus fit</i>	104
CRÍTICA E LINGUÍSTICA	
HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO, PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE	
Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística	127
LUÍS PRISTA	
Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão	147

Editar Euclides da Cunha

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Universidade de São Paulo

Tendo verificado que as marcas de *Os sertões* eram visíveis em *Grande sertão: veredas*, sobre o qual versara meu doutoramento, pareceu-me passo lógico estudar Euclides da Cunha. Aproximavam os dois escritores o amplo espaço que escolheram para cenário de seus livros, as entranhas do país; os homens que nele vivem, jagunços ou cangaceiros; o estado de guerra; e as galas do verbo. Ambos são elaboradores de linguagem, praticantes interessados de processos lexicogênicos, versados em sintaxes arrevesadas, e com pendor para arcaísmos, embora de modos diferentes.

Nunca imaginei que a tarefa se desdobraria em tantas mais. Logo de saída, defrontei-me com a constatação de que *Os sertões* é uma espécie de colcha de retalhos de uma infinidade de outras narrativas. Euclides estivera pouco tempo em Canudos, nem bem três semanas, e por isso se valera abundantemente de testemunhos alheios. As outras narrativas, mesmo que unificadas pela tremenda força do estilo de Euclides, transpareciam sob a sua.

Foi preciso, num desbaste inicial, identificar e apartar as fontes que utilizou não diretamente ligadas à guerra, e foram inúmeras – de História, de geografia, de geologia, de ótica, de balística, de zoologia, de botânica, de meteorologia... até de castrametação!

Quase tudo pela rama, coisas que tinha aprendido nos bancos escolares da Escola Militar e que freqüentemente citaria de ouvido, deturpando-as. Fontes mais raras, sobretudo as referentes a cronistas e viajantes, mas também à Brasiliana em geral, pude pesquisar por especial vênua do bibliófilo José Mindlin em sua esplêndida biblioteca, agora doada à Universidade de São Paulo. *Os sertões* exhibe uma ambição enciclopédica, de compendiar, sem aprofundá-los, os saberes da época, bem ao gosto do novecentismo finissecular.

Outro passo foi identificar as narrativas coevas propriamente da guerra, que também tinham servido de fonte. Isto posto, restavam as que, não transportadas para livro, tinham desaparecido, e que presumivelmente estariam em jornais. Isto se inferia por subtração, ou seja, se havia informações sobre a guerra que não constavam de nenhuma das fontes anteriores, nem dos relatórios de governo, nem das partes militares, e se não tinham sido testemunhadas por Euclides nem constavam de suas cadernetas de campo, então ele devia tê-las lido em jornal. E era muita coisa, quando se tomava como ponto de partida seu *Diário de uma expedição*, as reportagens que foi fazendo no palco dos acontecimentos na qualidade de enviado especial de *O Estado de S. Paulo*.

Pus-me à cata desses jornais, a maioria sob a custódia da Biblioteca Nacional do Rio. Um deles, dos mais destacados, estava no Gabinete Português de Leitura, na mesma cidade. Mas jornais locais, os baianos, dando notícia de uma guerra que se passara bem ali em seu estado, encontravam-se na Biblioteca Estadual da Bahia, e foi lá que completei a pesquisa. No mesmo lance, tive o privilégio de trabalhar na coleção particular de José Calasans, então em sua casa e hoje sob a guarda do Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. José Calasans foi um pioneiro na história oral e no levantamento da documentação sobre Canudos, tendo entrevistado sobreviventes ainda nos anos 50. É o maior de seus historiadores: recuperou o tema, deu-lhe estatuto universitário, renovou o estudo de fontes – e chegou a uma tal identificação com seu objeto que fascinava quem o ouvisse. Entusiasta do tema, emprestava sua voz aos canudenses. E queria ajudar a quem estivesse disposto a trabalhar no mesmo campo. Todos os que lhe

pediram auxílio muito lhe devem e jamais foram recambiados de mãos abanando.

Dediquei-me ao levantamento do material periodístico, cuja análise acabou resultando numa tese de livre-docência sobre a cobertura que os jornais deram à guerra. Em anexo, editei todas as reportagens inéditas sobre a guerra de Canudos.¹

O noticiário não poderia ser menos imparcial: quase todos os repórteres eram militares, e boa parte deles, ainda por cima, combatente. O resultado é uma perspectiva maciçamente totalitária de um lado só, com ausência de um ponto de vista do outro lado. É de admirar que Euclides tenha conseguido escrever seu “livro vingador”, chamando os canudenses de “extraordinários patrícios” e os soldados de “mercenários inconscientes”, insistindo que a campanha foi “na significação integral da palavra, um crime”, conforme consta da Nota Preliminar.

Ao contrário de *Os sertões*, a condenação unânime dos canudenses uniformiza o ponto de vista dos jornalistas. Algumas reportagens são melhores, outras piores, algumas mais completas, outras mais lacunosas, algumas cheias de preconceitos contra “jagunços” e “fanáticos”, enquanto outras fazem um certo esforço para compreendê-los. E assim por diante. De todas Euclides pôde aproveitar elementos. E se a intertextualidade é um forte esteio na composição de seu livro, com relação tanto aos materiais de pesquisa quanto à consulta bibliográfica, veio a se revelar em conexão também com as reportagens ora editadas e que tinham ficado perdidas nas páginas dos jornais.

Mas de todos os intertextos possíveis, o mais inesperado foi a Bíblia. Com efeito, não se suporia que um oficial do exército positivista da época, quando a elite letrada do país era integrada por ateus anticlericais, cogitasse da Bíblia como fonte. No entanto, e embora Euclides jamais mencione o fato, a intertextualidade com as Escrituras é observável em dois níveis. Primeiro, no grande sintagma narrativo, que faz *Os sertões* começar pelo Gênesis e terminar pelo Apocalipse. E segundo, nas imagens apocalípticas invertidas que compõem a figuração de Canudos, em que tudo é uma paródia

¹ *No calor da hora – A guerra de Canudos nos jornais*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

demoníaca da Cidade de Deus. Esta, de ouro e pedras preciosas, em arruado retilíneo, se contrapõe ao arraial de barro com vielas em labirinto; a Árvore da Vida fenece nos garranchos da caatinga; o Rio da Vida transforma-se no Vaza-Barris seco; e assim por diante.

1. A Edição Crítica

Entretando, a questão central persistia, qual seja a de que um dos livros mais importantes de nossa cultura continuava sem uma edição crítica. Todos eram concordes em afirmar que era um imperativo realizá-la, acrescentando invariavelmente que a tarefa deveria ser confiada a uma equipe. Mas a equipe nunca apareceu, nem alguém que assumisse o projeto. De modo que um dia resolvi, com a cara e com a coragem, pôr mãos à obra. Levei nove anos.²

Os problemas que me confrontavam eram variados. *Os sertões*, a essa altura mais ou menos um totem e um tabu da cultura brasileira, já ultrapassava trinta edições, de todos os tipos, de boa qualidade ou nem tanto, mais respeitadas ou menos, ilustradas ou sem ilustrações, de luxo ou simples, para bibliófilos ou de bolso, etc., etc., etc. Procurando orientação junto aos especialistas, fui sempre muito bem acolhida. Olímpio de Souza Andrade, euclidiano emérito,³ apresentou-me a Teresinha Marinho, que havia preparado uma edição especial,⁴ com base em emendas apógrafas, e esta gentilmente cedeu-me a fotocópia com que trabalhara.

O precioso exemplar da 3.^a edição com emendas autógrafas de Euclides infelizmente desaparecera. Foi visto uma última vez, e documentado por Fernando Nery, que assim o declara em depoimento autografado, assinado e datado de 1934 no reverso da folha de ante-rostro do exemplar da Academia Brasileira de Letras em que copiou cuidadosamente – tesouro preservado para a posteridade – todas as emendas de Euclides para um outro exemplar da mesma

² CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed. Edição Crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1998.

³ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. 2. ed. São Paulo: Edart, 1966.

⁴ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed. Organização de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

edição. O depoimento declara que o autógrafo estava em poder do tabelião Belisário Távora, no Rio de Janeiro. Vários pesquisadores euclidianos, como os dois acima mencionados, procuraram-no em vão. O apógrafo de Fernando Nery foi depositado na Academia Brasileira de Letras, e serviria de base para a edição especial preparada por Teresinha Marinho.

O Grêmio Euclides da Cunha, de São José do Rio Pardo, teve o cuidado de mandar copiar o apógrafo de Fernando Nery em outro exemplar da 3.^a edição. Inicialmente sob a guarda de Oswaldo Galotti, este segundo apógrafo encontra-se hoje na Casa de Euclides daquela cidade, juntamente com toda a coleção do ilustre euclidiano. Foi esse apógrafo que serviu de base para duas edições especiais, a da Universidade de Brasília (1963) e a da Cultrix (1973).

O destino do livro, portanto, foi complicado e tortuoso, ainda mais quando se pensa que o autor era um emendador tenaz, só a morte precoce interrompendo seu labor incessante.

Entretanto, o percurso de *Os sertões* é o de uma história de sucesso: um livro volumoso, ultrapassando seiscentas páginas na primeira edição, escrito numa linguagem rebarbativa, difícil de ler, e que se esgota em três meses. Vindo à luz em fins de 1902, logo em 1903 ganharia uma segunda edição, e em 1905 uma terceira, somando portanto três edições em três anos, o que certamente é um recorde para o Brasil da época.

A morte do autor em 1909 interromperia suas emendas mas não as correções editoriais, porque após sua morte ainda foi encontrado um exemplar intensamente corrigido, o que impôs a tiragem de uma nova edição, a 5.^a, de 1914. A 4.^a, de 1911, fora igual à 3.^a.

A execução do trabalho editorial-crítico, que implica no co-tejo sinal gráfico por sinal gráfico de todas as edições anteriores com a definitiva, revelou um Euclides emendador obsessivo e compulsivo. Se somarmos as emendas que realizou enquanto viveu nas edições a que teve acesso, e que afinal não passaram de três, no total chegariam a 10.000, o que não é nada desprezível.

Para dar uma síntese dessas emendas, antes de passar a uma análise daquelas estilisticamente mais relevantes, podemos dizer

que elas não são de vasto âmbito, ou seja, deixam intacto o arcabouço do livro. Não há supressão ou acréscimo de unidades maiores como capítulos, parágrafos ou mesmo frases. As emendas situam-se antes ao nível da micro-estrutura que da macro-estrutura, incidindo sobre o miúdo: a grande figura não é nem a supressão nem o acréscimo, mas a *substituição*: Euclides está sem cessar substituindo uma palavra, ou uma construção, por outra – e já veremos com que propósito. Em segundo lugar na ordem de frequência posta-se a modificação parcial da palavra, que adquire, em seu caso, uma importância estilística considerável.

Algumas conclusões preliminares, dentre as de visada mais ampla, indicam que a uniformização ortográfica foi realizada na 2.^a edição, poucos problemas a esse nível restando para as outras. A 1.^a edição fora bastante caótica, deixando Euclides exasperado, conforme confidenciou em carta, talvez com o alarme cabível num autor estreante, mas também com todo o vigor de sua pena: “Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus *Sertões*, fui lê-lo com mais cuidado – e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar físga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? Manda-me dizer daí algo a respeito. Imagina que lá encontrei *à facção, à pranchada, braço à braço, tempos à tempos*, etc., etc./ Não te posso dizer como fiquei. Por fim – abrindo, ao acaso, depois do jantar, uma página, – encontrei isto: “*Não iludiu à história...*”/ Não te descrevo o que houve! Quer isto dizer que estou à mercê de quanto meninote erudito brune as esquinas; e passível da férula brutal dos terríveis gramatiquinhos que passam por aí os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes!/ Felizmente disseram também que o Victor Hugo não sabia francês.” (A Francisco Escobar, 19 de outubro de 1902).

As crases abusivas deram-lhe tanto trabalho que acabou por ter que *raspá-las*, em muitos exemplares da primeira edição. Para esse fim era comum o emprego de um pequeno utensílio de metal chamado *grattoir* (raspadeira), que figurava habitualmente junto com outros materiais de escritório em cima da escrivaninha, e hoje pode ser visto em museus. No caso das “vírgulas vagabundas”, te-

ve que eliminar cerca de 1.000 delas da primeira para a segunda edição.

A língua portuguesa do Brasil conhecera recentemente um período de transição finissecular difícil. Embora José de Alencar tivesse exercido uma militância pioneira tanto na teoria quanto na prática em defesa de um abasileiramento do português, tendo por isso sofrido ataques provenientes de todos os quadrantes, ainda restavam bastiões de resistência castiça; e justamente nessa época a controvérsia se reacendera. Ninguém diria que Euclides fosse um escritor renovador, muito pelo contrário: ele é até arcaizante, e sente-se em seu discurso o peso dos clássicos lusitanos. Mas é curioso que nas sucessivas emendas que foi fazendo às sucessivas edições, insensivelmente fosse reajustando a sintaxe à prosódia brasileira, o que se nota principalmente na colocação de pronomes e na substituição das formas sintéticas (cujo, lhe) pelas formas analíticas. É provável que ele próprio não tenha percebido o rumo que essas emendas tomavam e o quanto eram significativas no quadro geral da evolução da língua literária brasileira.

Quanto à ortografia, outra polêmica finissecular que pegou em cheio, Euclides deixou um depoimento precioso numa carta, mostrando que, embora nostálgico, sabendo saborear no significativo o que há de material e se presta ao devaneio, acabaria por acatar aquilo que a modernização traria. Eis a carta, interessantíssima, vivaz e documento raro, cheio de humor: “Não sei se já aí chegaram notícias da *Reforma Orthographica*... (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes *hh*, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!) [...] Há ali coisas inviáveis: a exclusão do *y*, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga e a eliminação completa do *k*, do hierático *k* (*kapa* como dizemos cabalisticamente na Álgebra)... Como poderei eu, rude engenheiro, entender o *quilômetro*, sem o *k*, o empertigado *k*, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, a dominar distâncias? *Quilômetro*, recorda-me *quilômetro* singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseira polegada. Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres.” (A Domício da Gama, 15 de agosto de 1907).

Razão de muitas emendas foi também a busca da ênfase, claramente de ordem retórica. O discurso de Euclides é o de um tribuno defendendo uma causa e acusando um réu. Essa atitude determina que haja longos parágrafos persuasivos e exortativos, ou então argumentativos, a que se seguem curtos parágrafos constituídos por períodos breves, às vezes fulminantes. Na primeira edição, esse esquema era exagerado, de modo que a um longo parágrafo seguiam-se por exemplo três curtíssimos. Na segunda edição, o procedimento se mantinha mas os três curtíssimos foram habitualmente aglutinados num só, curto. Diminuir a paragrafação excessiva fez uma diferença notável da primeira para a segunda edição.

Outro objetivo da emenda euclidiana foi reduzir a repetição de vocábulos induzida pela tendência ao pleonasma, igualmente resultante da ênfase. Retórico e enfático, seu estilo naturalista, detalhista e repetitivo tende ao excesso de pormenores tanto na descrição quanto na narração, com o resultado de que é freqüente encontrarmos em sua pena construções visivelmente pleonásticas como “prosseguir adiante” – e que muito trabalho lhe deram.

A mais instigante das emendas a que se devotou, indicando uma preocupação extraordinária com o estilo, e sobretudo com a afinação do ouvido, é aquela que incidiu sobre um número enorme de vocábulos terminados pelo sufixo –ado, -ada, -adas, -ados.

Certamente só se deu conta a posteriori, e nunca comentou o fato nas cartas nem deixou qualquer anotação. Quando comecei a analisar o sentido de suas emendas, percebi ser essa a mais freqüente: alterando o sufixo, introduzindo outro som, transformando o participio passado em presente, ou substituindo-o por um sinônimo que fosse substantivo e assim tivesse outra terminação, ou simplesmente eliminando-o. De todo modo, quando se examinam uma por uma essas modificações parciais, cresce a admiração por sua inventiva e opulência de recursos na habilidade do trato com as palavras. Fica claro que o único objetivo, portanto, era retirar essa incômoda rima, suprimindo o indesejável efeito de eco.

Não só dessas, mas a respeito de muitas outras Euclides não cuidou de deixar maiores indicações. Baste um exemplo. Emendaria um “cacófato hediondo” que só sabemos ter existido, mas sem que

seja especificado qual era, pelo testemunho de um membro da confraria de amigos em São José do Rio Pardo, registrado por José Honório de Silos.⁵ Euclides deve ter recebido o reparo pessoalmente, de viva voz, porque, conforme nossa reconstrução, a emenda foi feita, e lá está “únicos atavios” na 2.^a edição,⁶ onde para seu presumível desgosto saíra na 1.^a edição “única gargantilha”.

2. A Correspondência

Nos longos anos tomados pelo preparo da Edição Crítica, fui-me familiarizando com o precioso auxiliar que é a correspondência. E deparei-me com o desastroso estado em que se encontrava.

Cogitei muito se me embrenharia em outra tarefa interminável, e acabei por buscar reforços junto ao maior dos especialistas, o criador e presidente perpétuo da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo, Oswaldo Galotti. Propus-lhe parceria, a fim de juntos realizarmos o trabalho. Uma palavra sobre o estimado Dr. Galotti: nunca houve dedicação maior à memória de Euclides. Devemos a ele a fundação da Semana e a constituição da maior coleção de memorabilia. Seu papel de pesquisador jamais poderá ser suficientemente louvado, porque descobriu documentos e recuperou outros que, não fosse seu zelo, poderiam ter-se perdido. Por morte, toda a sua euclidiana, a mais rica que já existiu, foi por testamento doada à Casa de Euclides em São José do Rio Pardo. Era de uma generosidade a toda prova, e ajudava a quem o procurasse, porque se devotava a divulgar a obra de Euclides. Como resultado, era colaborador de inúmeros trabalhos alheios, em que lhe tributavam um mero agradecimento, quando era ele quem tinha feito a pesquisa de base. Foi pensando nisso que lhe ofereci co-autoria, porque ao menos dessa única vez veria seu nome, a tantos títulos meritório, reconhecido numa capa. Logo depois da publicação da *Correspondência*, faleceria, aos 83 anos.

No início, as cartas de Euclides tinham sido publicadas regularmente em duas revistas, a do Grêmio Euclides da Cunha e a da

⁵ Apud ANDRADE, Olímpio de Souza, op. cit., p. 297.

⁶ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição Crítica cit., p. 244.

Academia Brasileira de Letras. Ambas as instituições colecionavam as cartas e solicitavam doações a seus possuidores.

Essa correspondência tinha-se constituído por acervos, ou seja, conforme o destinatário, e aos poucos. Alguns acervos ainda se encontravam inéditos, porque os destinatários, ou seus herdeiros, manifestavam intenção de publicá-los e por isso não os cediam. Em 1966, saíra pela primeira vez uma *Obra Completa* publicada pela Aguilar, incluindo a seção *Epistolário*, que juntava os vários acervos até então dados à luz: não só os do Grêmio e da Academia, como vários outros que tinham sido estampados em edições especiais de periódicos.

Pouco após a morte de Euclides, Oliveira Lima, correspondente favorito de seus últimos anos, pronunciara uma conferência sobre o amigo, ilustrando-a com trechos das missivas que recebera. A conferência saiu publicada em *O Estado de S. Paulo* e no livro que reuniu a coleção que a Academia Brasileira de Letras viera publicando.⁷ A revista recortara esses trechos, atribuindo a alguns datas arbitrárias, decretando que outros provinham de cartas independentes, e de modo geral instaurando o caos; e o livro a repetira. A *Obra Completa* os acolhera tais quais.

Em 1971, saiu nos Estados Unidos uma edição das cartas a Oliveira Lima⁸ que quase dava conta dos retalhos da *Obra Completa*, embora o problema continuasse insolúvel porque se de um lado faltavam pedaços, de outro lado, o que era pior, sobravam. Oliveira Lima, desgostoso com seu país, legara biblioteca e arquivos à Catholic University de Washington. Convencida de que não havia outra solução, para lá me dirigi: pude conferir a transcrição daquelas 16 cartas e achei mais 4. Agora não faltava nem sobrava mais nenhum pedaço do quebra-cabeças.

Quando saiu a *Correspondência*,⁹ pôde-se constatar que as duas maiores novidades do volume se encontram nas duas extremidades da vida de Euclides. Uma é essa, a da publicação corrigida,

⁷ TRAVASSOS, Renato. *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Weissman, Reis, 1931.

⁸ SKIDMORE, Thomas E. ; HOLLOWAY, Thomas H. New lights on Euclides da Cunha: letters to Oliveira Lima: 1903-1909. *Luso-Brazilian Review*, Wisconsin, v. 8, n. 1, Summer 1971.

⁹ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

ordenada, datada e completada do acervo de Oliveira Lima, de seus últimos anos. A outra é a publicação do acervo até então inédito de 36 cartas a Reinaldo Porchat, cedido pelos herdeiros, que iluminou especialmente a obscura primeira parte da vida de Euclides, quando ele ainda não era famoso. Cartas dessa fase eram até então raras, porque só depois da fama as pessoas passaram a preservá-las.

Essas foram as novidades mais salientes, como bloco, afora várias outras avulsas. Ao todo, e ao fim de sete anos, foi estampada aproximadamente uma centena de cartas inéditas, afora outra centena delas esparsas por periódicos. Faz sentido a observação de José Calasans, a de que a publicação desta *Correspondência* tornou finalmente possível escrever a biografia de Euclides.

3. Centenários

Ao completar um século, o término da guerra em 1997 e o lançamento de *Os sertões* em 2002 ensejariam a multiplicação de efemérides. Houve até uma celebração tríplice, que ocorreu devido ao seguinte. Encontrara-me, por coincidência, dando um curso na Universidade de Colônia, na cátedra de Romanística fundada por Leo Spitzer. Versando sobre Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, aproveitei para exibir aos alunos *Deus e o diabo na terra do sol*, peculiaríssima e brilhante leitura que Glauber Rocha fez da obra de ambos (e mais *Cangaceiros*, de José Lins do Rego). Observei duas coisas, que me animaram a montar um plano. Primeiro, que essa universidade mantém há tempos um próspero convênio com a Universidade Federal do Ceará, com permutas anuais de alunos e professores. Segundo, que, dada a semi-independência de que as *Länder* ou Regiões dispõem na Alemanha, as verbas se mostravam bem mais fartas para ensino e cultura do que seria de esperar, e do que aliás costumam ser entre nós. Sugeri então ao catedrático, Helmut Feldmann, que realizasse um tríplice congresso por ocasião do centenário do término da guerra, convocando os especialistas e interessados do Ceará (terra de Antonio Conselheiro) e da Bahia (palco da guerra), e de São Paulo (sede da Semana Euclidiana), cuja lista lhe passei. Em sua viagem seguinte ao Brasil, Feldmann tomou providências, indo inclusive até Brasília para conversar com o mi-

nistro da Educação, então o físico José Goldenberg, que nada lhe concedeu a não ser uma audiência. Mas o tríplice congresso foi realizado, em Fortaleza, Salvador e Colônia, comportando até uma ramificação na Universidade Livre de Berlim.

Por volta dessa época, a Companhia das Letras me encomendaria uma nova edição do *Diário de uma expedição*¹⁰, as reportagens que nosso autor tinha mandado para o jornal *O Estado de S. Paulo* como enviado especial e que nunca transformara em livro. Mal podia ele imaginar que a posteridade veria nelas o embrião de *Os sertões*, editando-as e reeditando-as várias vezes. Na ocasião, pareceu-me conveniente e oportuno voltar às páginas do jornal e fazer uma edição o mais direta possível, ou seja, que reproduzisse fielmente, afora a atualização ortográfica de rigor, o que tinha sido inicialmente publicado.

Em 2002, houve nova leva de comemorações, de norte a sul do país, com promoção de congressos, seminários, cursos, edições especiais, etc. A Academia Brasileira de Letras, além de organizar um ciclo de conferências e exposições de materiais raros de seu acervo, relacionados a seu renomado membro, em boa hora resolveu comemorar a seu modo, reeditando o supracitado trabalho de Olímpio de Souza Andrade, confiando-me o preparo de uma nova edição. Tratei de incorporar a esta as emendas e notas autógrafas que o autor deixara em seu exemplar pessoal de trabalho.¹¹

Quando pensava estar liberada das tarefas, surgiu mais uma. O jornal *O Estado de S. Paulo* sempre considerou Euclides prata da casa, e por boas razões. E não só por ele ter sido seu correspondente na guerra de Canudos, quando o jornal imprimira a coluna intitulada “Diário de uma expedição”.

Essa relação já vinha de longe. Expulso da Escola Militar, por ter cometido um ato de insubmissão e de propaganda republicana, Euclides refugiara-se na capital paulista para escapar às iras do Império. O diretor do jornal, Júlio Mesquita, acolhera-o de braços abertos. Integrara-o no cenáculo de renomados intelectuais republi-

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹¹ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. 4. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

canos que se reuniam na redação, de alguns dos quais se tornaria amigo por toda a vida, como foi o caso do próprio diretor, e passou a publicá-lo com regularidade, o que ocorreria até sua morte. Júlio Mesquita vira nele um jovem promissor e tencionara, inclusive, o que é menos conhecido mas corroborado por novas cartas encontradas, promover-lhe uma carreira política afinal frustrada. – isso dois anos antes da publicação de *Os sertões*, em 1902.

Já era conhecida uma única missiva tratando desse assunto, dirigida por Euclides a Júlio Mesquita em 1900, que fora dada a conhecer por Coelho Neto no *Livro de Prata*, falando de um convite que recebera do destinatário para ocupar um lugar no próximo Congresso Constituinte do estado de São Paulo. Outras duas, publicadas na *Correspondência*, uma dirigida ao pai, a outra constando do acervo inédito endereçado a Reinaldo Porchat, corroboram a informação. Esta última comenta o fato de que o destinatário tinha sido selecionado para “figurar no quadro dos futuros legisladores”. O remetente, visivelmente aborrecido por não ter sido igualmente escolhido, reafirma ter recebido um convite espontâneo de Júlio Mesquita, do qual decorrera sua “extravagante candidatura”. [A Reinaldo Porchat, 2 de dezembro de 1900]. Euclides tentou várias vezes, sem conseguir, fazer carreira política. As intenções de Júlio Mesquita serão por ele lembradas anos depois, em carta ao pai, na qual, exultante, relata como o amigo no brinde final de um banquete no Rio lembrou o quanto lamentava não tê-lo feito deputado por São Paulo, quando detinha maior influência política. Euclides observa que talvez seja um sinal de candidatura no futuro [Ao pai, 22 de outubro de 1906].

São portanto múltiplos e profundos os laços atando Euclides a *O Estado de S. Paulo*. Ruy Mesquita Filho, bisneto de Júlio Mesquita, viria a ser presenteado por um amigo com uma fotocópia arrematada em leilão dos Autos do Processo em que foi julgado e absolvido Dilermando de Assis, o homem que matou Euclides. Recebi o honroso encargo de preparar a edição,¹² com base nos originais sob a guarda do Museu da Justiça, no Rio. Muitas vezes citado, principalmente pelos diretamente envolvidos na questão, e devido a

¹² A sair, pela Editora Terceiro Nome, de São Paulo.

sua natureza ímpar por ser jurídico e oficial, um documento dessa relevância permaneceu inédito por perto de um século.

Recapitulemos sua razão de ser. Euclides invadira a casa do cadete Dilermando de Assis, onde se encontrava sua esposa D. Saninha, que tinha um caso com o cadete, e fora morto por ele, no dia 15 de agosto de 1909. Euclides, por sua vez, acertara dois tiros em Dilermando e dois em seu irmão, que com ele residia. O advogado de Dilermando argüiu legítima defesa, pois o réu se encontrava em casa, desarmado, e conseguiu sua absolvição. Dilermando e a viúva se casariam e teriam outros filhos.

Mas a saga trágica não se detém aí. Em 1916, Euclides da Cunha Filho tenta matar Dilermando a tiros e é por este morto. Novo julgamento e nova absolvição.

O próprio Dilermando citaria com freqüência os processos, pois, embora inocentado, seria alvo de execração pública, dada a celebridade das vítimas. Por seu lado, a mídia não o deixava em paz, e por isso passou a vida dando entrevistas, escrevendo artigos e publicando livros, para se justificar.

Nem a morte de Dilermando em 1951 encerraria a controvérsia, que a prole dos envolvidos sucessivamente reacenderia. Primeiro, a filha de Dilermando e D. Saninha, Judith Ribeiro de Assis, escreveria em 1987 o livro *Anna de Assis – História de um trágico amor*,¹³ para restaurar a reputação da mãe. O livro seria transformado na minissérie *Desejo*, da TV Globo, atingindo uma ampla audiência e desencadeando outros problemas. Tanto Judith, descontente com o tratamento sensacionalista dado a seu livro, quanto os descendentes da linha direta, portanto de D. Saninha com Euclides, processaram a Globo. Mas com resultado nulo.

Ante a nova celeuma, Joel Bicalho Tostes, casado com uma neta de Euclides, escreveu outro livro, *Águas de amargura – O drama de Euclides da Cunha e Ana*,¹⁴ para refutar *Anna de Assis* ponto por ponto. No mesmo ano de 1990 entraria novo figurante na

¹³ Judith Ribeiro de Assis em depoimento a Jefferson de Andrade. In: *Anna de Assis – História de um trágico amor*. Rio de Janeiro: Codecri, 1987.

¹⁴ Joel Bicalho Tostes em depoimento a Adelino Brandão. In: *Águas de amargura – O drama de Euclides da Cunha e Ana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

liça, quando a filha de Dilermando com sua segunda esposa publica *O pai*,¹⁵ relatando sua experiência de ter sido criada sob um terrível segredo que assombrara sua vida.

4. Seqüelas

Se minha intenção inicial era apenas fazer um trabalho, acabei por me envolver em outros. Além da edição especial de *Los sertones*¹⁶ para a Ayacucho, por encargo de Ángel Rama, fiz uma Antologia¹⁷ para Florestan Fernandes e preparei o *Breviário de Antonio Conselheiro*¹⁸ a convite de Fernando da Rocha Peres, para o Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, onde o manuscrito, da coleção José Calasans, está depositado

Vi-me afinal escrevendo *O Império do Belo Monte – Vida e morte de Canudos*,¹⁹ para botar as idéias em ordem. Tendo lido tudo o que havia, e mais os teóricos, fui desenvolvendo uma reflexão própria. Quis, então, retirar a guerra de Canudos do âmbito paroquial, estudando-a a partir de uma dupla perspectiva: enquanto episódio da modernização capitalista em escala mundial e enquanto insurreição milenarista messiânica nos moldes das guerras camponesas de Engels, do desencantamento do mundo de Max Weber, dos rebeldes primitivos de Hobsbawm e, ainda mais importante, do “princípio esperança” postulado por Ernst Bloch. Quando caí em mim, tinha em minha conta, até o momento, dez livros. Editar Euclides da Cunha, ao que parece, não se restringe a *Os sertões*, nem apenas a sua obra; e, dadas as características peculiares de sua trajetória, terminaria por envolver também sua própria vida e a vida de outras pessoas – sem falar a minha.

¹⁵ CAVALCANTI, Dirce de Assis. *O pai*. 5. ed. São Paulo: Ateliê, 1998.

¹⁶ CUNHA, Euclides da. *Los sertones*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981.

¹⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

¹⁸ Galvão, Walnice Nogueira; PERES, Fernando da Rocha. *Breviário de Antonio Conselheiro*. Salvador: Ufba, 2002.

¹⁹ *O Império do Belo Monte – Vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.